

# O ACORDO REPRESENTA OS INTERESSES NACIONAIS

— Chefe de Estado moçambicano na recepção que ontem ofereceu em Maputo

N. 21/3/84

por Mário Ferro e Célio Mouco (texto) e Amadeu Marrengula (fotos)

O Presidente Samora Machel disse ontem, em Maputo, que a assinatura do Acordo de Nkomati com a África do Sul representa para os moçambicanos, independentemente da sua raça, religião ou sexo, os grandes interesses nacionais, acima de quaisquer outros objectivos. Como afirmou, o acordo é a defesa da independência nacional — o que há de mais caro na nossa vida. «Assumimos a responsabilidade de que somos uma Nação»

Samora Machel falava durante uma recepção que ofereceu, ao fim da tarde de ontem, no Palácio Presidencial. Presentes, além de membros do Bureau Político, da Comissão Permanente da Assembleia Popular e do Conselho de Ministros, várias dezenas de pessoas que estiveram envolvidas nos preparativos e na realização da cerimónia do Acordo de Nkomati.

Viam-se, entre outros, os Ministros Jacinto Veloso e Oscar Monteiro, assim como todos os membros da delegação moçambicana que negociaram com a parte sul-africana o Acordo de Não-Agressão e Boa Vizinhança. Estavam presentes os comandantes militares provinciais, diplomatas, jornalistas, secretários e secretárias, membros do protocolo e outros elementos.

O brinde da vitória, oferecido pela vitória, foi o convite feito pelo Chefe

do Estado para dar início à recepção. Depois, contactou as pessoas que haviam sido convidadas, como habitualmente acontece. Conversou democraticamente com militares, diplomatas e também, com jornalistas.

Com os militares e para os militares falou das vitórias alcançadas pelas Forças Armadas no campo da batalha. O ano de 1983 foi decisivo, e com as vitórias então alcançadas, que permitiram fazer prisioneiros cerca de 3 500 bandidos armados, foi possível obter trunfos para utilizar com dignidade a justiça dos princípios políticos, que nos regem, para discutir abertamente em conversações, nomeadamente no Ocidente, a forçar às negociações a África do Sul.

Aos militares, Samora Machel disse-lhes que chegou o momento de «limpar a casa» e ali mesmo definiu

— declarou o Chefe do Estado moçambicano para acrescentar: «O nosso coração bate ao mesmo ritmo. Os nossos desejos são os mesmos: paz, tranquilidade, progresso e bem-estar. Tudo o que estiver correcto para o nosso povo, faremos. Tudo o que respeita e dignifica o nosso povo, faremos. Não consultaremos ninguém. O povo lutou e quer a felicidade. Por isso, o povo saúda a assinatura do acordo».

Ilhes o objectivo prioritário da luta: dar o golpe de misericórdia, o golpe final nos bandidos armados para restabelecer a paz e a tranquilidade.

O acordo com os sul-africanos não representa, só por si, a paz em território moçambicano. A consciência deste facto é de dimensão nacional e a população do Maputo demonstrou-o no último sábado, no comício do Xipamanine. O acordo é um meio para alcançar-se a paz. Os moçambicanos destruíram a principal fonte dos bandidos armados.

Ao proferir o seu improviso, minutos depois, o Chefe do Estado saudou as Forças de Defesa e Segurança, em particular as Forças Armadas, pelo seu papel na preparação e no desenrolar da cerimónia da assinatura do Acordo: **Souberam ser políticos, militares e diplomatas. Foi um trabalho intenso e enervante. Sou-**

da mesma ter sido realizada, entre os dirigentes máximos dos dois governos, na fronteira comum, na chamada «terra de ninguém».

Samora Machel saudou ainda os dirigentes provinciais, nomeadamente daquelas províncias atingidas pelo banditismo armado: **Souberam combinar a economia com a estratégia militar; a estratégia militar com a diplomacia e a diplomacia com a edificação de infra-estruturas.**

O Chefe do Estado também saudou os jornalistas e os homens dos serviços protocolares, tecendo palavras de elogio ao trabalho desenvolvido. Para os jornalistas, Samora Machel disse: **Souberam difundir a justiça da nossa luta, fazer compreender ao Mundo que o nosso País era vítima de uma guerra não-declarada e fazer compreender os objectivos dessa guerra não-declarada que nos era movida.**